



Diversidade Linguística na Escola Portuguesa

Projecto *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*
(ILTEC)

Compreensão e produção da linguagem verbal

A **compreensão e a produção** da linguagem são actividades de comunicação complexas que envolvem recursos linguísticos e cognitivos comuns, mas com funcionamentos distintos. A especificidade de cada tarefa comunicativa começa em aspectos neurobiológicos reconhecidos.

Se a sede cerebral da linguagem está (maioritariamente) localizada no hemisfério esquerdo, os seus usos, em termos de compreensão ou de produção possuem também eles próprios localizações determinadas. Assim, a região cerebral activada durante a compreensão situa-se na parte posterior do hemisfério esquerdo, *área de Wernicke*, enquanto que actividades de produção activam a *área de Broca*, na parte anterior do mesmo hemisfério.

Através da observação do comportamento verbal de sujeitos afásicos, isto é, com problemas de uso da linguagem, é possível associar défices linguísticos a lesões previamente identificadas.

Na afasia de Wernicke, são as capacidades de **compreensão** as mais prejudicadas, havendo uma produção que só aparentemente é aceitável porque, na verdade, o discurso produzido, embora fluente, é muitas vezes pobre ou vazio de conteúdo; neste caso, são sobretudo as capacidades de ouvir e de ler que são fortemente afectadas.

Na afasia de Broca, há perturbações da **produção**, visíveis numa articulação esforçada e num discurso telegráfico e agramatical; a fala e a escrita são as capacidades mais afectadas. Modernamente, existem técnicas sofisticadas de investigação que captam imagens do cérebro em actividade durante o processamento da informação verbal e que permitem visualizar áreas cerebrais responsáveis por certas actividades linguísticas específicas (como a leitura e audição de frases ambíguas ou agramaticais, ou o reconhecimento de palavras e de pseudo-palavras).

As intenções comunicativas que presidem aos actos de compreender ou de produzir desencadeiam operações de processamento da linguagem que lidam com o mesmo tipo de material verbal e com as mesmas unidades: os sons, a palavra ou partes dela, grupos de palavras, enunciados ou frases. No entanto, na compreensão, temos processos de **descodificação** da informação verbal, enquanto que na produção temos o processo inverso de **codificação**. Também numa e noutra modalidade, os processos

cognitivos relativos à percepção, selecção e integração da informação, apoiados na memória e na atenção, estão sujeitos a constrangimentos distintos.

Se os processos neurofisiológicos e cognitivos implicados na compreensão e na produção apresentam propriedades específicas, também o modo físico escolhido para comunicar, o acústico ou o visual, cria restrições no interior de cada modalidade de processamento: **ouvir é diferente de ler, falar é diferente de escrever.**

Compreender implica operações de descodificação de um sinal verbal auditivo ou visual através da actuação de sistemas de percepção neurofisiologicamente distintos. O primeiro desafio colocado ao sistema de processamento na compreensão começa na própria natureza acústica do sinal de fala ou visual, no sistema de escrita. Na audição ou na leitura, nunca há toda a informação necessária para um reconhecimento imediato das unidades básicas de processamento. Por exemplo, só há boa compreensão se for possível um reconhecimento da palavra em tempo muito curto para que não haja sobrecarga da memória de trabalho com custos cognitivos que vão prejudicar a compreensão. A optimização do tempo de processamento não se compadece com um reconhecimento da totalidade do material lexical (fonológico ou grafémico) que constitui a palavra. Pelo contrário, requer-se que, a partir de uma informação parcelar se faça o reconhecimento de toda a palavra e se aceda ao seu significado. No **oral**, isso implica que haja altos níveis de acuidade auditiva que permitam identificar sons que, por questões de articulação individual, de coarticulação ou de velocidade de fala, são extremamente variáveis; implica também que se reconheçam as sílabas que constituem as palavras e, ainda, que se consiga predizer toda a palavra antes de se descodificarem todas as letras ou sons que a compõem.

Estes processos, que permitem reconhecer visual ou auditivamente as palavras, dependem crucialmente do conhecimento fonológico e lexical e apoiam-se na frequência de padrões de sequências de sons ou de letras. Se, por vezes, na compreensão da Língua Materna, há problemas de descodificação da fala com origem em problemas de percepção auditiva, esses problemas tornam-se muito mais evidentes quando se procura compreender numa Língua não-materna. Neste caso, o reduzido conhecimento fonológico, as limitações do léxico, a dificuldade de predizer ou antecipar uma palavra na base de pistas morfológicas mínimas, obrigam a uma maior atenção e esforço de memória e a uma conseqüente redução dos níveis de compreensão.

Se compararmos o que acontece na compreensão oral e na compreensão escrita, verificamos que, na primeira, pode haver mais dificuldade no processamento porque há menos pistas linguísticas que ajudem à identificação de palavras: estas surgem encaixadas num continuum sonoro e não separadamente como ocorrem na escrita. Além disso, em consequência da coarticulação, surgem problemas de ligação entre palavras que têm de ser resolvidos. Por exemplo, na produção das sequências *campo pequeno* vs. *campo grande* vs. *lago pequeno*, o formato fonético das palavras *campo* e *pequeno* varia em função do contexto e, em consequência, o sistema de percepção auditiva percebe formas diferentes para uma mesma palavra.

O reconhecimento das palavras é uma etapa fundamental, mas não suficiente para compreender. É ainda necessário organizar o material lexical em unidades sintácticas, grupos de palavras ou frases, e, para isso, há menos pistas na escrita do que no oral.

No **oral**, o modo como usamos a entoação, como segmentamos a fala através de pausas, é uma ajuda preciosa para o ouvinte que tenta perceber o que é dito; são as pistas prosódicas (entoação, pausas, duração dos sons...) que marcam fronteiras (ou limites) entre grupos de palavras organizando-os sintacticamente e que, simultaneamente, preparam o sinal de fala em unidades adequadas à capacidade de armazenamento da memória de trabalho.

Na **escrita**, tais pistas não estão disponíveis, havendo apenas a pontuação que assinala algumas fronteiras sintácticas. Frequentemente, o leitor confronta-se com longas sequências que tem de organizar em constituintes de modo a conseguir uma estrutura gramatical que possa ser integrada e interpretada (veja-se a dificuldade que muitos leitores experimentam ao ler certos autores que fazem um uso escasso, ou inesperado, da pontuação). Organizado o material lexical em estruturas sintácticas, há que interpretá-lo, atribuir-lhe um significado coerente.

A interpretação do material verbal ouvido ou lido vai mobilizar um conhecimento semântico que interage com outros tipos de conhecimento linguístico e não linguístico. Se se ouve ou lê: *Deco chutou a bola para Figo* ou *Chutou Deco a bola para Figo* ou *A bola chutou Deco para Figo*, apesar de a ordem de palavras variar, há uma estrutura semântica em torno do verbo que define quem chuta, o que é chutado e quem é o *beneficiário* do chute. Uma interpretação plausível atribui papéis na cena descrita que fazem com que o constituinte *a bola*, apesar dos vários lugares que pode ocupar seja

sempre o Objecto que é manipulado na acção e que *Deco* seja sempre o Agente do chute. Também é importante, na compreensão, que o sujeito, ouvinte ou leitor, faça uso do seu conhecimento do mundo, da sua experiência de vida e da sua cultura, para melhor interpretar e avaliar a informação compreendida, integrá-la na que já possui, e assim alterar quadros conceptuais próprios que saem enriquecidos.

Para compreender, é assim mobilizado um considerável conhecimento linguístico apoiado pelas capacidades perceptivas de reconhecimento rápido do sinal verbal, de capacidades de atenção e de memória que permitem identificar, seleccionar e integrar a informação relevante para a interpretação final.

Compreender oralmente ou por escrito coloca ainda a questão de a percepção se fazer no tempo e no espaço e de isso ter consequências no controlo que temos, ou não, do ritmo a que tratamos o sinal verbal. Assim, quando se quer compreender o discurso de outrem, a informação chega-nos a um ritmo que nos é imposto pelo falante; não podemos alterá-lo, temos é de adaptar as nossas capacidades perceptivas e de integração à velocidade a que nos chegam as palavras proferidas; também não podemos manipular o fluxo da informação, voltando atrás. Já na situação de leitura, cabe-nos gerir inteiramente as condicionantes da tarefa: podemos voltar atrás, ler repetidamente a mesma informação, avaliar a interpretação que estamos a fazer e reformulá-la se acharmos necessário

Produzir um discurso oral ou um texto escrito obriga a um processo de tratamento da informação inverso àquele que acontece durante a compreensão. A partir da intenção comunicativa de produção de uma mensagem em particular, começa-se pela evocação de informação relacionada com os tópicos que se pretendem desenvolver e, então, faz-se a codificação das ideias a transmitir num formato verbal convencional, compreensível para os outros que partilham a mesma língua. O processo inicia-se assim com material não verbal, organizado idiossincraticamente na memória semântica, a partir do qual se produzem discursos ou textos com propriedades que os tornem interpretáveis. Para que tal aconteça, há uma multiplicidade de **processos cognitivos e linguísticos** que vão desde o planeamento até à produção, que se realizam sequencialmente ou em simultâneo, conforme as abordagens teóricas que os explicam.

Na observação da fala espontânea temos evidências dos processos linguísticos que intervêm na sua produção. Apesar de os erros cometidos durante a produção de fala

serem uma parte ínfima relativamente a tudo o que produzimos com correcção, certos erros produzidos, como as trocas de sons ou de sílabas, os lapsos que por vezes resultam em trocas com alguma graça (*cara malenta* por *câmara lenta*; *carião de limoca*, por *carioca de limão*), as hesitações em encontrar certas palavras (a palavra *debaixo da língua* que se recusa a aparecer), são pistas que permitem identificar os processos subjacentes à produção. Na produção, o léxico mental tem um papel essencial, mas agora, contrariamente ao que se passa na compreensão, ele não se impõe para ser decodificado, pelo contrário, trata-se de encontrar palavras para nelas codificar as ideias. Para isso, há um primeiro acesso ao léxico onde são seleccionadas formas que representam conceitos e que vão dar lugar à elaboração de unidades de sentido. Com apoio no conhecimento sintáctico, e através das propriedades contextuais das palavras activadas, estas são integradas em sequências frásicas obedecendo a certos padrões de ordem, criando-se relações de dependência estrutural que determinam relações gramaticais; para isso, é preciso ainda que actuem processos morfológicos que assinalem as relações entre palavras tais como os processos de concordância.

Por exemplo, nas duas frases possíveis *Os alunos e o professor encontraram-se* /* *Os alunos e o professor encontrou-se no bar da escola*, há duas entidades que são referidas por dois nomes, sendo que o primeiro é plural e o segundo singular; na estruturação da frase, os dois nomes passam a constituir um só grupo (sintagma nominal coordenado) que vai determinar a concordância plural com o verbo (por isso a frase com verbo no singular é agramatical). Para além da correcta estruturação da frase, esta tem de ser convertida num formato fonológico que funciona como informação de entrada para o sistema articulatorio que se encarrega de actuar produzindo uma sequência fonética reconhecível. Todos estes processos ocorrem na produção da linguagem, embora a opção pelo modo oral ou escrito tenha consequências evidentes.

Na **produção do oral em tempo real**, como já foi dito, tudo acontece (quase) em simultâneo. A grande diferença na escrita é que, aí, há mais tempo para controlar o processo de produção. Pode dizer-se que a produção ocorre sob controlo metacognitivo: ao ritmo próprio, o sujeito selecciona tópicos, escolhe palavras, produz frases, e verifica se a sequência escrita faz sentido ou não, se está bem formada ou não; reescreve o texto no sentido da correcção ou da variação estilística, procedendo a substituições, apura o conteúdo e a forma até lhe parecer que tem um formato aceitável para exposição pública. Na produção oral, ficam à vista vestígios dos processos de elaboração do

discurso, enquanto que, no escrito, esses processos são menos visíveis, porque raramente expomos aos outros versões intermédias dos nossos textos, apenas a versão final é exibida.

Compreensão e produção distinguem-se ainda por aspectos associados ao conhecimento não-linguístico. Enquanto que na compreensão o sujeito tem de descodificar a linguagem e criar um modelo mental de tal modo que a informação processada faça sentido, na produção, factores de ordem pragmática determinam a escolha de um estilo discursivo próprio. A particularidade do discurso produzido individualmente depende das escolhas lexicais e do uso de certas construções, depende também do uso de estratégias de marcação da informação que assinalamos como nova ou já partilhada com o nosso interlocutor. O sucesso da comunicação na produção é assegurado pelo falante ou escritor, e isso depende do conhecimento linguístico mas também de conhecimento extralinguístico fruto de formas de comunicação marcadas culturalmente que fomos aprendendo ao longo da nossa experiência de comunicadores.

Compreender e produzir com proficiência implica um bom conhecimento linguístico das várias componentes da gramática da língua, uma gestão adequada dos recursos cognitivos que suportam o processamento da informação e um conhecimento cultural que regula os usos da língua.

Bibilografia:

Matlin, Margaret W. (2001). *La cognition. Une introduction à la psychologie cognitive*. Bruxelles: DeBoeck Université [trad. Da 4ª ed. Americana, 1998]

Valle, F., Cuetos, F., Igoa, J. M. & Viso, S. (1990). *Lecturas de Psicolinguística. 1. Comprensión y producción del lenguaje*. Madrid: Alianza Psicología

Wilson, Robert A. & Keil, Frank C. (1999). *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*. Cambridge: The MIT Press.

Ficha Técnica

- Maria Armanda Costa